Índice

Introdução	9
O Mundo como Vontade e Representação — Primeiro Volume	
Prefácio à Primeira Edição	27
Prefácio à Segunda Edição	34
Prefácio à Terceira Edição	45
Livro Primeiro. O Mundo como Representação, Primeira Consideração: A Representação Subordinada ao Princípio da Razão Suficiente: o Objecto da Experiência e a Ciência	47
Livro Segundo. O Mundo como Vontade, Primeira Consideração: A Objectivação da Vontade	147
Livro Terceiro. O Mundo como Representação, Segunda Consideração: A Representação, Independente do Princípio da Razão Suficiente; a Ideia Platónica; o Objecto da Arte	225
Livro Quarto. O Mundo como Vontade, Segunda Consideração: Attingido o Autoconhecimento, Afirmação e Negação da Vontade de Viver	333
Apêndice. Crítica da Filosofia Kantiana	487

O Mundo como Vontade e Representação

Primeiro Volume

Se não poderia sondar-se a si mesma a natureza?

Goethe

Prefácio à Primeira Edição

O meu propósito neste prefácio é indicar de que modo deve ser lido este livro para que possa vir a ser compreendido. — O que a obra pretende transmitir é um único pensamento. Apesar disso, por muito que me esforçasse, não fui capaz de encontrar um caminho mais curto para o transmitir do que este livro inteiro. — Tenho para mim que esse pensamento é aquilo de que, sob o nome de filosofia, se andou muito tempo à procura e que, justamente por isso, os que têm formação histórica julgam tão impossível de encontrar como a pedra filosofal, embora já Plínio lhes tenha dito: *Quam multa fieri non posse, priusquam sint facta, judicantur?*¹ (*Historia Naturalis*, 7, 1).

Consoante o ângulo do qual se analise aquele pensamento a transmitir, ele revela-se aquilo a que se tem chamado Metafísica, aquilo a que se tem chamado Ética e aquilo a que se tem chamado Estética; e, na verdade, teria mesmo de ser tudo isto, se fosse aquilo que, como já confessei, considero que é.

Um *sistema de pensamento* tem de ter sempre uma coesão arquitetónica, isto, é uma coesão em que uma parte sustenta a outra, mas esta não sustenta aquela, e, em última análise, os alicerces sustentam todas as partes, sem serem sustentados por elas, e o remate é sustentado, sem sustentar. Em contrapartida, *um único pensamento*, por mais abrangente que seja, tem de manter a mais perfeita unidade. Se, apesar disso, para ser transmitido, for dividido em partes, a coesão destas partes

1 “Quantas coisas são tidas por impossíveis antes de realmente acontecerem?”

Todas as notas que não visem fornecer a tradução e, quando pertinente, a identificação de citações contidas no texto, ou que não venham expressamente assinaladas como notas do tradutor, pertencem ao original de Schopenhauer.

deve ser orgânica, isto é, ser de molde a que cada parte sustenha tanto o conjunto como seja sustida por ele, nenhuma seja a primeira e nenhuma a última, o pensamento inteiro ganhe clareza através de cada parte e mesmo a mais ínfima parcela não possa ser completamente compreendida sem que já o conjunto tenha sido compreendido antes. — Entretanto, um livro tem de ter uma primeira e uma última linha e, nesta medida, há-de ser sempre muito diferente de um organismo, por mais que o seu conteúdo possa assemelhar-se a este: em consequência, a forma e a matéria estarão aqui em contradição.

A conclusão evidente é que, nestas circunstâncias, para se penetrar no pensamento exposto, o único conselho a dar é que *se leia o livro duas vezes*, e, da primeira vez, com muita paciência, que só pode ir buscar-se à crença voluntária em que o início pressuponha o fim quase na mesma medida em que o fim pressupõe o início e, da mesma forma, toda a parte anterior pressuponha a posterior quase na mesma medida em que esta pressupõe aquela. Digo “quase”: pois, em rigor, não é bem assim, e fez-se honesta e conscienciosamente tudo o que, de alguma forma, podia fazer-se para colocar primeiro aquilo que menos necessita da sequência para ficar esclarecido, bem como tudo o que podia contribuir para facilitar o mais possível a compreensão e a clareza. E, até certo ponto, isto poderia ter resultado se, o que é muito natural, o leitor, ao ler, em vez de pensar simplesmente no que é dito em cada momento, não pensasse também nas possíveis implicações disso, o que leva a que, além dos muitos desacordos realmente presentes relativamente às opiniões da época e, presumivelmente, também do leitor, possam vir ainda acrescentar-se outros tantos, prenunciados e imaginários, com o resultado de que o que não passa ainda de simples incompreensão ganha a forma de viva desaprovação. Mas isto não é reconhecido enquanto tal, tanto mais que a clareza, laboriosamente conseguida, da exposição e a justeza da expressão nunca, seguramente, consentem dúvidas sobre o sentido imediato do que se disse, mas não podem exprimir, ao mesmo tempo, as suas ligações a tudo o resto. É por isso, portanto, que, como foi dito, a primeira leitura exige paciência, assente na certeza de que, na segunda, muito, ou tudo, será visto a uma luz inteiramente diferente. De resto, tratando-se de um tema muito difícil, um esforço sério para conseguir uma compreensão completa e mesmo fácil haverá de justificar que, aqui e ali, ocorra uma repetição. A própria estrutura do conjunto, que é orgânica, e não encadeada, obrigou, por vezes, a abordar duas vezes a mesma questão. Foram também, precisa-

mente, esta estrutura e a conexão muito estreita de todas as partes que me não permitiram a divisão, que, normalmente, muito aprecio, em capítulos e parágrafos, antes me obrigaram a optar por quatro secções principais, por assim dizer, quatro perspectivas da mesma ideia. Em cada um destes quatro livros, é necessário que todos se precavenham especialmente para não deixar que os pormenores, que não podem deixar de ser tratados, façam perder de vista a ideia principal a que esses livros pertencem e o progresso de toda a exposição. — Eis, assim, expressa a primeira e, tal como as seguintes, indispensável exigência ao leitor pouco benévolo (para com o filósofo, justamente porque o próprio leitor o é).

A segunda exigência é que, antes do livro, se leia a introdução a ele, embora ela não faça parte da obra, antes tenha sido publicada cinco anos antes, com o título *Sobre a Raiz Quádrupla do Princípio da Razão Suficiente: Um Tratado Filosófico*. — Sem o conhecimento desta introdução e propedêutica, não é minimamente possível uma compreensão autêntica da presente obra, e o conteúdo daquele tratado é aqui universalmente pressuposto da mesma forma que se constasse do livro. De resto, não fosse o caso de ter já precedido este em vários anos, ela não estaria propriamente a abri-lo como introdução, estaria, sim, incorporada no livro primeiro, que, agora, faltando-lhe o que está dito no tratado, apresenta uma certa incompletude devido a estas mesmas lacunas, que se vê sempre forçada a preencher remetendo para aquele tratado. Não obstante, a minha relutância em copiar-me a mim próprio ou expor de novo, laboriosamente, por outras palavras o que já uma vez se disse à saciedade foi tão grande que preferi este caminho, independentemente de eu próprio ser agora capaz de explanar o conteúdo daquele tratado de forma um pouco melhor, tanto mais que a expurguei de um ou outro conceito derivado de, na altura, eu estar demasiado enredado na filosofia de Kant, como, por exemplo, categorias, sentido interno e externo, etc. Contudo, aqueles conceitos constam ainda desse tratado apenas porque, até esse momento, eu nunca verdadeiramente me ocupara deles em profundidade e, por isso, aparecem apenas num plano acessório e sem nenhuma relação com o tema principal, razão pela qual também a correcção desses passos do tratado se fará inteiramente por si mesma na mente do leitor uma vez que tenha travado conhecimento com a presente obra. — Mas só quando, lendo aquele tratado, se reconheceu inteiramente o que é e o que significa o princípio da razão suficiente, até onde vai e não vai a sua validade, e o facto de que ele não precede

todas as coisas e de que o mundo inteiro não existe apenas em consequência e em conformidade com ele, por assim dizer, como seu corolário, antes não é mais do que a forma em que o objecto, seja de que tipo for, sempre condicionado pelo sujeito, é conhecido em todas as circunstâncias, na medida em que o sujeito seja um indivíduo cognoscente; só então será possível abordar o método de filosofar aqui ensaiado, inteiramente distinto de todos os existentes.

Foi apenas a mesma relutância em copiar-me palavra por palavra a mim mesmo, ou fazê-lo com outras e piores palavras, após ter usado eu próprio as palavras melhores, em dizer exactamente o mesmo pela segunda vez, que provocou uma segunda lacuna no livro primeiro desta obra, pois deixei de lado tudo o que pode ler-se no primeiro capítulo do tratado *Sobre a Visão e as Cores* e que, de outra maneira, teria encontrado aqui, literalmente, o seu lugar. Assim, também se pressupõe neste ponto o conhecimento daquela obrzinha da juventude.

Por fim, a terceira exigência a fazer ao leitor poderia até ser presumida implicitamente, pois não é outra senão a do conhecimento do fenómeno mais importante surgido na filosofia em dois milénios e que nos é tão caro: refiro-me às obras principais de Kant. O efeito que elas produzem no espírito para o qual realmente falam, acho-o, de facto, como já tem sido dito, muito comparável à operação às cataratas feita a um cego; e, para prosseguir a comparação, o meu objectivo pode ser caracterizado dizendo que quis pôr na mão daqueles que fizeram essa operação com sucesso uns óculos de cataratas, para cujo uso, como é bom de ver, aquela operação em si mesma é a condição mais essencial. — Por mais que, assim, eu parta das realizações do grande Kant, foi o próprio estudo aturado das suas obras que, não obstante, me fez descobrir nelas erros significativos, que tive de seleccionar e apresentar como reprováveis, para, expurgado e purificado deles, poder pressupor e aplicar o que é verdadeiro e magnífico na sua doutrina. Mas, para não ter de interromper e tornar confusa a minha própria exposição com uma polémica frequente contra Kant, coloquei esta num apêndice próprio. Por mais que, assim, no espírito do que acabei de dizer, a minha obra pressuponha o conhecimento da filosofia de Kant, ela pressupõe, na mesma medida, o conhecimento desse apêndice, pelo que, neste aspecto, seria aconselhável ler primeiro o apêndice, tanto mais que o conteúdo dele tem relações estreitas precisamente com o livro primeiro da presente obra. Por outro lado, não foi, por natureza, possível evitar que também o apêndice se reporte de quando em vez à obra em si, do que

resulta, simplesmente, que, tal como o corpo principal da obra, ele tenha de ser lido duas vezes.

A filosofia de Kant é, assim, a única da qual, no que aqui há a expor, se pressupõe directamente um conhecimento aprofundado. — Mas se, além disso, o leitor tiver frequentado a escola do divino Platão, tanto mais bem preparado estará e mais receptivo estará a ouvir-me. E se, ainda por cima, pôde beneficiar dos *Vedas*, o acesso aos quais através dos *Upanishads* é, a meu ver, o maior privilégio de que este século ainda jovem usufrui relativamente aos anteriores, já que suspeito de que a influência da literatura sânscrita não irá ter consequências menos profundas do que, no século xv, o renascimento da literatura grega: se, portanto, como estava a dizer, o leitor também já foi ungido com a antiquíssima sabedoria hindu e a assimilou, então não pode estar mais bem preparado para ouvir o que tenho a expor-lhe. Nestas condições, não lhe parecerá estranho ou mesmo hostil, como a muitos outros; pois, se não soasse demasiado a prosápia, eu afirmaria que cada uma das sentenças isoladas e soltas que constituem os *Upanishads* poderia deduzir-se como corolário do pensamento que me proponho transmitir, ainda que este, em sentido inverso, de modo nenhum já ali se encontre.

Mas já a maior parte dos leitores não conteve a impaciência e irrompeu na acusação tanto tempo a custo retida de como posso eu ousar apresentar um livro ao público com exigências e condições, das quais as duas primeiras são presunçosas e sem réstia de humildade, e isto num momento em que existe uma riqueza de pensamentos próprios tão generalizada que, só na Alemanha, esses pensamentos entram no domínio público através da imprensa em, todos os anos, três mil obras ricas em conteúdo, originais e perfeitamente indispensáveis, e, além disso, em inúmeras publicações periódicas, ou mesmo jornais diários? Num momento em que não há a mínima escassez sobretudo de filósofos inteiramente originais e profundos, antes, só na Alemanha, vivem tantos ao mesmo tempo como os que, noutras épocas, só vários séculos a fio podiam apresentar? Como, pergunta o leitor indignado, há-de chegar-se então ao fim, se tem de lidar-se com um livro que traz tantas complicações?

Como não tenho absolutamente nada a contrapor a estas acusações, a minha única esperança é colher alguns agradecimentos junto destes leitores por os ter advertido a tempo para que não percam uma única hora com um livro cuja leitura integral não poderia dar frutos sem o

cumprimento das exigências formuladas, devendo, por conseguinte, ser posto simplesmente de lado, tanto mais que pode apostar-se forte em que o livro não conseguirá agradar-lhes, antes será sempre apenas *pau-corum hominum*² e, assim, tranquila e humildemente, tem de esperar pelos poucos cuja mentalidade invulgar o ache tragável. Pois, mesmo abstraído da sua vastidão e do esforço que exige ao leitor, que pessoa culta da nossa época cujo saber se tenha aproximado do ponto magnífico em que o paradoxal e o falso são a mesma coisa poderia suportar dar de caras quase em cada página com pensamentos que contradizem em absoluto o que ela determinou, de uma vez por todas, como verdadeiro e estabelecido? E, depois, tantos se acharão desagradavelmente enganados, ao não encontrarem aqui nenhuma referência àquilo que julgam absolutamente ter de procurar neste exacto lugar, porque a sua forma de especular coincide com a de um grande filósofo ainda vivo³ que escreveu livros realmente comoventes e só tem a pequena fraqueza de achar que tudo o que aprendeu e aprovou antes de fazer quinze anos são pensamentos inatos fundamentais do espírito humano. Quem suportaria tudo isto? Eis porque o meu conselho é que se ponha o livro simplesmente de parte.

A questão é que receio nem assim me livrar. O leitor chegado até ao prefácio que o rejeita comprou o livro por bom dinheiro e pergunta como poderá ser ressarcido. — O meu último recurso é recordar-lhe agora que, mesmo sem propriamente o ler, pode, ainda assim, usar um livro de diferentes maneiras. Pode, a exemplo de muitos outros, preencher uma falha na sua biblioteca, onde, bem encadernado, de certeza fará boa figura. Ou pode também depositá-lo no toucador ou na mesa de chá da sua ilustrada amiga. Ou, por fim, pode escrever uma resenha sobre ele, o que é, indubitavelmente, a melhor de todas as opções e eu aconselho especialmente.

E, assim, tendo-me permitido esta brincadeira — e, nesta vida sempre ambivalente, dificilmente haverá uma página tão séria que não possa conceder-lhe um lugar —, entrego o meu livro com a mais profunda seriedade, certo de que, mais cedo ou mais tarde, chegará às mãos daqueles a que exclusivamente pode dirigir-se, e, de resto, tranquilamente conformado com o facto de que também o seu destino será, por inteiro, o que, em todo o conhecimento e, portanto, por maioria de

2 “Para poucos.” (Horácio, *Sátiras*, I, 9, 44).

3 F. H. Jacobi.

razão, no conhecimento mais importante, sempre esteve reservado à verdade, à qual apenas é concedida uma breve celebração de vitória entre os dois longos períodos durante os quais é condenada como paradoxal e menosprezada como trivial. É habitual também o primeiro destes destinos arrastar consigo o seu criador. — Mas a vida é breve e a verdade alcança longe e vive muito tempo: digamos a verdade.

Escrito em Dresden, em Agosto de 1818